UM OLHAR DECOLONIAL: CAROLINA MARIA DE JESUS, RELATOS DE EXPERIÊNCIA, A IMERSÃO CRÍTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Mateus Souza Santos [69]

Paulo César García (Orientador)

Resumo: Neste trabalho, aborda-se a colonialidade e decolonialidade do cânone literário, a representatividade da mulher negra na literatura e a relevância dessa discussão na formação do leitor contemporâneo. Para tanto, formula-se a seguinte situação problema: em que medida as vivências literárias ministradas pelos componentes da Imersão Literária do Curso de Letras Língua Portuguesa e literaturas, do DLLARTES - Alagoinhas campus II, contribuíram para a valorização dos saberes e linguagens dos/as estudantes, das identidades dos sujeitos pertencentes às classes populares? Posto isso, o objetivo geral do trabalho é refletir sobre as práticas pedagógicas, das vivências literárias do cânone contemporâneo, a partir do significado de favela de Carolina Maria de Jesus. Além disso, investigam-se os saberes e linguagens dos/as estudantes, como manifestam a si considerando as relações de classe, raça e gêneros. Como objetivos específicos, destacam-se: analisar como os discentes

---

69 [1] Graduando do 4° semestre do curso de Letras, Língua portuguesa e Literaturas do DLLARTES da Universidade do Estado da Bahia, campus II, Alagoinhas, apesento artigo do componente curricular SIP- Seminário Interdisciplinar de Pesquisa, sob orientação do Prof. Dr. Paulo César García. Endereço eletrônico: mateeussanttos12@gmail.com

recebem o texto literário; explicar como práticas pedagógicas que buscam a desconstrução de discursos canônicos são significativos para práticas de conhecimentos mais livres e que corroboram na superação das discriminações contra os sujeitos dissidentes; e contribuir para um ensino emancipatório através da reflexão sobre o conceito de reexistência. Trata-se de uma pesquisa de caráter etnográfico e bibliográfico que a partir de leituras dos autores(as) como Carolina Maria (1960), Evaristo (2011), Delcastangnè (2012), bem como da produção das vivências literárias ministradas, foi possível compreender a relevância da literatura para a construção da formação de leitores críticos. O resultado esperado desse trabalho é promover uma reflexão sobre os textos literários e sua potência como instrumento de decolonização do pensamento.

Palavras-chave: Decolonialidade; Literatura; Pedagogia emancipatória.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, aborda-se sobre a colonialidade e decolonialidade do cânone literário, mais especificamente, a representatividade da mulher negra na literatura, a importância do texto literário para a formação crítica e discursiva do leitor contemporâneo. Para tanto, levanta-se a seguinte situação problema: em que medida as vivências literárias ministradas pelos componentes da Imersão Literária do Curso de Letras Língua Portuguesa do DLLARTES – Alagoinhas Campus II, contribuíram para a valorização dos saberes e linguagens dos/as estudantes, das identidades dos sujeitos pertencentes às classes populares?

No intuito de discorrer sobre as contribuições da literatura e da prática pedagógica na formação do discente, este trabalho está organizado em dois tópicos. No primeiro, trata-se de Um olhar colonial e decolonial sob a construção do cânone literário. Nesse tópico, atenta-se para construção do cânone literário e suas problematizações.

No segundo, pautam-se Relatos experiência e a imersão crítica no ambiente escolar, toma-se como parâmetro a obra Quarto de despejo (1960), de Carolina Maria de Jesus, para de um lado identificar as subjetividades dos alunos, por outro lado, tomam-se textos imagéticos, trechos da obra em questão e vídeos, que estão em repercussão na mídia e que dialogam com temáticas étnico-raciais, objetivando contribuir para formação significativa e antirracista de discentes na sala de aula.

Nesse viés, busca-se dialogar com textos verbais e não verbais no contexto escolar, abordando sobre a potencialidade de representação da mulher negra na literatura brasileira.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e etnográfico. A primeira etapa do trabalho consistiu em estudos de textos selecionados previamente e tópicos

que dialogam com a pesquisa; fichamento de textos e delimitação do corpus.

Na segunda etapa, realizou-se a análise dos dados coletados durante o planejamento, execução e avaliação das vivências literárias ministradas pelos componentes da Imersão Literária II com os estudantes do segundo ano do ensino médio do Colégio Modelo. Os procedimentos metodológicos adotados proporcionaram discussões pertinentes acerca da representatividade da mulher negra na literatura.

Além disso, foi possível trabalhar com a Teoria dos três "IS" desenvolvida por Cruz (2012) em sua tese de Doutorado, intitulada Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor, que consiste em trabalhar um processo triádico, isto é, uma interlocução entre a tríade textual: autor/leitor/contexto ficcional e isso é desenvolvido a partir dos processos:

> Introspecção – no qual o leitor ao tomar posse do texto literário, absorve o contexto escrito, cria empatia e se enxerga nele; Imagem visiva – a absorção do contexto literário leva o leitor a reconstruí-lo imageticamente conforme os seus códigos culturais e todo acervo de leituras anteriormente adquirido; Interlocução – se configura numa ação que se manifesta no

> instante em que o leitor estabelece 165 no âmbito do texto, uma interação crítica e, de pronto, atua com o autor e o contexto ficcional; o que chamamos de processo triádico, isto é, há uma interlocução entre a tríade textual: autor/leitor/ contexto ficcional. (CRUZ, 2012, p. 159)

No desenvolvimento do trabalho, parte-se da obra Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus (1960), que discute o lugar de fala de uma favelada negra e mãe solo que, mesmo em condições de vulnerabilidade socioeconômica, consegue trabalhar diariamente e colocar o pão na mesa para seus três filhos. Essa obra irá permitir se fazer um trabalho interpretativo do papel da literatura para a formação humana.

Para fundamentar o trabalho, do ponto de vista teórico, toma-se as ideias de Delcastangnè (2012) - Literatura brasileira contemporânea um território contestado - mais especificamente, os capítulos Lugar de fala e Espaços possíveis, nos quais a autora traz à tona a necessidade da representatividade dos sujeitos marginalizados na literatura.

Segue-se também Evaristo (2011) - Insubmissas lágrimas de mulheres - nessas temáticas, a autora dialoga bastante com os componentes ministrados pela Imersão Literária II: Estudos da Ficção

brasileira contemporânea, Cânones e contextos na Literatura brasileira e Literatura e Recepção, que discutem questões voltadas ao olhar decolonial do cânone, bem como sua construção, o lugar de fala dos sujeitos e sua representatividade na literatura e, além disso, a forma que o sujeito recebe um texto literário e sua estética.

Ressalta-se ainda que, embora tenha sido apresentado o acervo literário que fará parte da tessitura deste artigo, debruça-se exclusivamente na obra Quarto de despejo, pois a mesma foi o objeto principal para o desenvolvimento da prática pedagógica em sala de aula, bem como a aplicação da teoria dos três "IS" a partir desta mesma narrativa.

1. O OLHAR COLONIAL E DECOLONIAL SOB O CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO

O cânone da história da literatura brasileira foi criado em meados do século XIX e contribuiu fortemente para a construção da identidade nacional da literatura. No entanto, os críticos brasileiros, que criaram o cânone, baseavam- se numa perspectiva colonial e eurocêntrica, o que culminou na discriminação dos sujeitos dissidentes e no apagamento de suas vozes no contexto dessa

literatura canonizada, cuja representação se dá pelos valores burgueses europeus.

Esse cânone permanece vivo, apesar das distintas leituras e releituras às vezes, a ele opostas, que os críticos contemporâneos continuamente propõem. Isso se explica pelo fato de que, em se tratando do cânone literário, cada período busca redefini-lo em função da tradição que melhor se adeque ao campo de perspectiva de quem, no presente, o seleciona, o que traz à tona diversas problematizações, sobretudo, no período do romantismo com os romances alencarianos indianistas como: O Guarani (1857), Iracema (1865) e Ubirajara (1874), nos quais o indígena é colocado na posição de inferioridade, pois acultura-se para assimilar à cultura do europeu e é apresentado de forma romantizada e pormenorizada. Além disso, não há personagens negros em suas narrativas e, quando aparece, é no lugar de subserviência em relação aos personagens brancos.

Contudo, o mundo contemporâneo trouxe para a literatura vozes de mulheres negras que ecoaram na produção literária, trazendo o eu poético e suas escrevivências como registros de luta e resistência do povo negro, especialmente de empoderamento feminino. Segundo Evaristo (2020) 2, tanto o seu texto literário, quanto o texto ensaístico, a poesia, a prosa, nascem profundamente

marcados pela sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira.

Dito de outra forma, é uma escrevivência que se dá através da vida do povo negro, mostrando as mazelas sociais que lhes afetam, bem como a luta pela sobrevivência e afirmação identitária desses sujeitos marginalizados, e esse registro autobiográfico contribui para a representatividade de mulheres não brancas nesse espaço literário que outrora não abarcava temáticas voltadas às

2 ENTREVISTA PUBLICADA EM HTTPS://YOUTU.BE/QXOPKUVXEVY. ACESSO: 06.06.2023

classes menos favorecidas socioeconomicamente, e essas escrevivências acerca das mulheres negras é bem enfatizado em Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2011), pois apresenta narrativas que não estão distantes dos dias atuais, mas, diferente de outras obras que apresentam a mulher negra como subserviente do homem, Evaristo protagoniza o lugar de fala da mulher.

Logo, trata-se de insubmissão aos modelos hegemônicos machista, sexista e machista. Com isso, é fundamental a demarcação desse lugar de fala potente dessa minoria que contempla uma grande parcela da sociedade como afirma Dalcastagnè (2012, p.17):

> Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se chocam, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde. Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e a representação dos múltiplos grupos sociais. Ou seja, eles se tornaram mais conscientes das dificuldades associadas ao lugar de fala: quem fala e em nome de quem. Ao mesmo tempo, discutem-se as questões correlatas, embora não idênticas, da legitimidade e da autoridade (palavra que, não por acaso, possui a mesma raíz de autoria) na representação literária. Tudo isso se traduz no crescente debate sobre o espaço, na literatura brasileira e em outras, dos grupos marginalizados - entendidos, em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva, que recebe valorização negativa da cultura dominante -

, que sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério.

Desse modo, é necessária a representatividade dos sujeitos marginalizados nesse espaço literário tão acirrado, pois é nele onde os modos de vida, as culturas e, sobretudo, os sujeitos, se chocam com suas formas de ver o mundo. Além disso, a própria literatura resgata vozes potentes que foram caladas pela ausência de condições

socioeconômicas, cor da pele, lugar onde mora, ou seja, a condição humana do sujeito implica em quais espaços ele(a) pode estar.

Um exemplo disso é a obra Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus (1960), que foi um cânone contemporâneo tardiamente reconhecido por ser considerada uma “literatura marginal”, ou seja, um diário sobre a favela, escrito por uma negra favelada e mãe solo que sustentava seus três filhos catando papel e ferro. Contudo, Carolina escrevia seu diário todos os dias

mesmo tendo cursado apenas até o segundo ano do primário e isso mostra o letramento social que ela possuía e isso foi motivo de celeuma entre os críticos literários, pois, muitos achavam um absurdo uma negra favelada que só tinha o segundo ano primário produzir um diário e, posteriormente, ser reconhecida socialmente sem sequer ter cursado a academia.

Nesse diário, organizado por data e mês, Carolina afirma o orgulho que tem do seu trabalho e da sua luta diária para sustentar seus filhos, descreve sua vivência, o que é chamado de Escrevivência por Conceição Evaristo. Nesse trabalho há uma critica o descaso dos políticos daquela época e, além disso, reflete a sociedade na qual vive

em O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças (1960, p. 26).

A partir desse trecho, é visível a reflexão profunda e noção de classe social que havia na escritora favelada. Ela, mesmo não tendo estudado Karl Marx, que trata sobre a exploração do trabalho e a divisão de classe social, sobretudo o conceito de mais-valia, critica as mazelas sociais de maneira concisa e coerente na medida em que reflete a miséria que assola as crianças, a ausência da democracia tão pregada nos períodos eleitorais e o descaso com os sujeitos que residem na favela.

Imbricado a isso, a intelectual Lélia Gonzalez (1983), em seu texto Racismo e sexismo na cultura brasileira, destaca as condições materiais da comunidade negra e seus desprivilégios no tocante aos mecanismos que lhe são negados à mulher negra por conta do racismo estrutural, como é mostrado a seguir na matéria do Jornal do Brasil, de 28/10/80, para termos uma ideia de como esse “esquecimento” é estrutural. Trata-se de mais um caso de discriminação racial de uma mulher negra; no caso uma professora. Como a história resultou em morte, indo para a alçada judicial, o criminoso, juntamente com seus

cúmplices afirmam que a causa do crime não foi o seu racismo, mas a incompetência da professora.

> As condições de existência material da comunidade negra remetem a condicionamentos psicológicos que têm que ser atacados e desmascarados. Os diferentes índices de dominação das diferentes formas de produção econômica existentes no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpetação da teoria do "lugar natural lide Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc. até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado ate aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos "habitacionais" (.) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (.) No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não e para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. !;; por aí que se entende porque o

> outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão, p. 232

Embora essa matéria tenha sido publicada nos anos 1980, ela é bem recorrente nos dias atuais, pois ainda vivemos em um Brasil racista e genocida que tem no topo da pirâmide o homem branco e seus valores burgueses europeizados, o que mostra nas mãos de quem está no poder e o motivo pelo qual existe a dizimação de povos periféricos, como é mostrado na obra O livro preto de Ariel (2019), do escritor Hamilton Borges (2019), o qual, entre ficção e documento, denuncia ferrenhamente o abuso de poder dos policiais da RONDESP, em operações sangrentas nas comunidades, recupera a Chacina do Cabula em 2015 em Salvador.

Dessa maneira, é de extrema necessidade a luta pela reexistência não apenas da mulher negra, mas também de todos os sujeitos que sangram pelo fato de serem marginalizados socialmente e essa noção de resistir as facetas do colonialismo e seus mecanismos de opressão devem ser construídas na sala de aula, pois a grande armadura contra o sistema hegemônico e seus moldes colonizatórios, está presente na educação. É através da apropriação do saber anti-

hegemônico que o sujeito negro e marginalizado consegue se armar e alçar novos voos como afirma hooks (2013, p.273)

> [… A academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma
> abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade…] HOOKS.

2. RELATOS DE EXPERIÊNCIA E A IMERSÃO CRÍTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Dialogando com as temáticas apresentadas, foi possível realizar um trabalho etnográfico desenvolvido em dois momentos na sala de aula com os estudantes do segundo ano (Médio) do Colégio Modelo, em Alagoinhas. A partir do componente Imersão Literária do curso Letras, Língua portuguesa e literaturas - DLLARTES. Tomou-se como parâmetro a obra Quarto de despejo (1960) de Carolina Maria de Jesus, a qual nos apresenta a narrativa de uma mãe solo que sustenta três filhos catando ferro e papelão, no entanto, mesmo vivendo em

condições de vulnerabilidade socioeconômica, ela gosta muito de ler livros e de escrever.

Assim, decide escrever um diário sobre a favela do Canindé (SP), contando tudo o que passa no seu dia a dia. Carolina enfrenta muitas dificuldades para sobreviver juntamente aos seus filhos, mas mostrou-se uma mulher resiliente, empoderada e que não tem medo, nem vergonha de lutar pelos seus objetivos. Como fechamento da narrativa, o seu diário é lido por um repórter que por acaso passa pela favela, chamado Audálio Dantas, o qual a entrevista e, logo em seguida, seu diário é publicado, contudo, é tardilmente reconhecido, pois é considerada "literatura marginal" pelos críticos literários.

A metodologia adotada para levar esta obra para sala de aula foi baseada na Teoria dos três "IS", criada por Cruz (2012), como já foi dito, que consiste em três processos chamados: "introspecção, imagem visiva e interlocução". O primeiro processo é definido como: o leitor ao tomar posse do texto literário, absorve o contexto escrito, cria empatia e se enxerga nele; O segundo processo: a absorção do contexto literário leva o leitor a reconstruí-lo imageticamente conforme os seus códigos culturais e todo acervo de leituras anteriormente adquirido; O terceiro processo: se configura numa ação que se manifesta no instante em que o leitor estabelece no âmbito do

texto, uma interação crítica e, de pronto, atua com o autor e o contexto ficcional; o que chamamos de processo

triádico, isto é, há uma interlocução entre a tríade textual: autor/leitor/ contexto ficcional.

Partindo destes conceitos, inicialmente, (eu e minha colega), fomos ao colégio Modelo fizermos uma visita prévia para conhecermos a turma e o quantitativo de estudantes. Para nos articularmos melhor, criamos uma enquete no formulário do Google Forms3 e socializamos no grupo da turma. Assim, a partir das respostas, vimos que o repertório de leitura dos estudantes ainda era bem engessado e tradicional, sobretudo, quando eles respondem que nunca ouviram falar sobre uma escritora negra, o que mostrou ainda mais a necessidade de levar a obra apresentada acima para apresentarmos a existência de outros cânones que emergiram, mas sua apresentação ainda é uma novidade em alguns espaços.

Nossa prática pedagógica foi realizada em dois dias. No primeiro, escrevemos a palavra favela no quadro e perguntamos o que eles entendiam sobre a palavra. Logo começaram a responder: desigualdade, apartheid social, segregação, lugar sem saneamento básico, fome, miséria, pobreza, lugar menos favorecido socialmente.

Depois disso, foram apresentadas em slides imagens da favela, de pessoas carregando baldes d´água na cabeça, crianças ajudando a mãe a carregar madeira, Carolina lendo livro na favela e, durante a exposição, questionamos quais as leituras eles estavam fazendo daqueles textos imagéticos.

O intuito de fazer esse diálogo entre a palavra favela e as imagens, foi trabalhar a introspecção – que é o processo no qual o sujeito tem contato com o texto literário e tem empatia e, também, a imagem visiva, pois, quando perguntamos o que eles entendem por favela sem mostrarmos as imagens, obviamente, estamos trabalhando com a subjetividade deles, na medida em que eles vão pensar e, posteriormente, imaginar o cenário que logo foi mostrado.

Além disso, foram mostrados trechos do diário de Carolina, nos quais, instigaram muito os estudantes e eles conseguiram sentir empatia e relacionar

com suas vivências, o que é chamado pela Teoria dos três "IS" de interlocução – que se configura numa ação que se manifesta no instante em que o leitor estabelece no âmbito do texto, uma interação crítica e, de pronto, atua com o autor e o contexto ficcional; o que

chamamos de processo triádico, isto é, há uma interlocução entre a tríade textual: autor/leitor/ contexto ficcional.

Está última parte do processo nos surpreendeu, pois, os discentes trouxeram diversos depoimentos acerca de sua vida a partir dos trechos mostrados por Carolina (1960):

> Preparei a refeição matinal. Cada filho prefere uma coisa. A Vera, mingau de farinha de trigo torrada. O João José, café puro. O José Carlos, leite branco. E eu, mingau de aveia. Já que não posso dar aos meus filhos uma casa decente para residir, procuro lhe dar uma refeição condigna, (Carolina, 1960, p. 16).

Após a leitura deste trecho, uma estudante chamada Rebeca (a líder da turma), contou que havia lembrado de sua mãe, pois ela também é mãe solo e criou ela e sua irmã com bastante dificuldade, mas que conseguiu enfrentar todos os obstáculos para proporcionar uma vida confortável a ambas, o que nos mostra quantas Carolinas existem em condições de vulnerabilidade, contudo, são guerreiras e reexistentes. Estes relatos fazem parte da interlocução que os sujeitos conseguiram fazer a partir do que levamos, o que reafirma a potencialidade da Teoria dos três "IS" por levar uma nova maneira de abordar o texto literário de forma prazerosa.

Além de levarmos uma nova abordagem no teor didático-metodológico, o conteúdo também foi inovador, pois tratou-se de um cânone tardiamente reconhecido, escrito por uma mulher negra que, mesmo sem ter ingressado na universidade, possui uma perspicácia maravilhosa no tocante a visão de mundo que tem e das poucas oportunidades que tivera e isso rompe com o olhar tradicional que é mostrado nas turmas de ensino médio, que foca mais no olhar colonizador do que decolonial, na medida em que alguns autores são canonizados e outros são excluídos, por não fazerem parte do currículo escolar, ou, da ideologia defendida pelo mediador da sala.

No segundo dia, eles apresentaram uma produção textual que fizeram em equipe, baseando-se nos trechos discutidos no primeiro dia. Alguns fizeram poemas, outros apenas comentários e, ambas as produções falavam acerca da necessidade do reconhecimento da literatura dos sujeitos marginalizados e da semelhança do contexto que Carolina escreve na década de 1960 com os dias atuais. Para a discussão do último dia, levamos alguns questionamentos a partir das frases: “O que pode uma mulher?” e “O que pode uma mulher negra”, no intuito de trabalhar a subjetividade e conhecimento prévio deles e, logo em seguida, apresentamos alguns vídeos que dialogaram bastante com as indagações feitas.

Ao responderem aos questionamentos, eles afirmaram que as mulheres podiam tudo sem a menor dúvida da afirmação, mesmo sendo duas perguntas diferentes a resposta foi a mesma, o que nos mostrou a ausência das discussões de gênero, de questões étnico-raciais, de desigualdade social e, sobretudo, sobre a mulher negra e suas dificuldades na sociedade atual. Além dessa discussão, apresentamos outras autoras negras como a Conceição Evaristo, a Djamila Ribeiro, bem como suas biografias, obras e papel na sociedade. Por fim, finalizamos as vivências literárias com um vídeo de Bia Ferreira cantando uma música chamada "Não precisa ser Amélia".

CONCLUSÃO

Neste trabalho, promovemos uma reflexão sobre os textos literários e a forma como os estudantes da escola pública receberam o texto que foi trabalhado, qual o lugar da mulher negra na sociedade, o que ela pode, sobretudo, a partir dessa nova abordagem didático-metodológica que norteou a aplicação da Imersão Literária do curso Letras, Língua portuguesa e literaturas – DLLARTES, no Colégio Modelo com os estudantes do segundo ano do ensino médio, e sua potência como instrumento de decolonização do pensamento, na medida em que foram apresentadas as temáticas ainda não discutidas no espaço escolar.

Além disso, fazer uma ponte entre a universidade a escola, mostrando que o espaço da academia pertence a eles e que os mesmos são capazes dealçar grandes voos. Essa parceria, por sua vez, foi possível através do componente intitulado “Imersão”, o qual, de certa maneira possibilita que os discentes da graduação saiam da universidade e possam dialogar e experienciar outras vivências, como foi o caso em questão.

Portanto, esse contato com a educação básica foi de extrema relevância à formação docente e, ademais, para estreitar os laços dos estudantes graduandos e os discentes da educação supracitada. Dessa forma, levar o texto literário com uma nova abordagem didático-metodológica também mostrou o poder que o docente, a partir de pesquisas e reflexões, pode corroborar no processo de aprendizagem do discente.

REFERÊNCIAS

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. Tradução* de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes, 2013.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. (2012)

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 2004

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de mulheres*. Nandyala, Belo Horizonte (2011)

CRUZ, Maria de Fátima Berenice da. *Leitura literária na escola: desafios e perspectivas de um leitor*. CIAN - Gráfica e Editora, Salvador, p. 1-228, 1 jan. 2012.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. Cadernos negros, São Paulo, 1 jan. 0001.

BORGES, Hamilton. *O livro preto de Ariel. Reaja*, Salvador, 1 jan. 2019.
ALENCAR, José de. *O guarani. Diário* do RJ, Rio de Janeiro, 1 jan. 1857.
ALENCAR, José de. *Iracema. Diário* do RJ, Rio de Janeiro, 1 jan. 1865.

ALENCAR, José de. *Ubirajara. Diário* do RJ, Rio de Janeiro, 1 jan. 1874.